

REI LEAR E O PREÇO DA INGRATIDÃO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.517112505034>

Data de aceite: 18/03/2025

Anna Carolina Galhart
UNISE

PALAVRAS-CHAVE: Ingratidão; Literatura Universal; Rei Lear; William Shakespeare.

RESUMO: William Shakespeare (1564 – 1616) é considerado o maior autor de língua inglesa e uma das maiores expressões da literatura universal. O presente artigo tem por objetivo trazer à discussão as categorias da narrativa na obra *Rei Lear*, traduzida por Millôr Fernandes (1997). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com a fundamentação da revisão de literatura, a partir de referências na área da teoria da literatura: Candido (1971), Abdala Junior (1995), Barthes (2009), Coutinho (2012), Eco (2012), e Brunner (2014). A fim de elucidar o leitor, este estudo está organizado em duas partes. Primeiramente, sintetiza-se as categorias da narrativa, e posteriormente, discute-se a narrativa, estabelecendo-se relação com as categorias apresentadas, articulando-se teoria e prática de análise literária. Em *Rei Lear*, além da loucura do Rei, a existência do Bobo, personagem irônico que, a todo o momento, utiliza-se de frases ambíguas e de caráter reflexivo, revela a natureza do ser humano e a podridão dos serventes do Reino e da família de Lear em decomposição: Rei Lear adorou o discurso bajulador de suas filhas Goneril e Regan. Shakespeare foi o maior conhecedor da alma humana de todos os tempos.

INTRODUÇÃO

“Quem conta um conto, aumenta um ponto”, eis o provérbio popular.

Narrar é uma atividade inerente ao ser humano. Os sujeitos narram histórias, desde a antiguidade, as quais são transmitidas de geração para geração. E quem narra, conta a seu modo e com o seu tom.

Muito anteriormente ao advento da escrita, as pessoas reuniam-se ao redor de fogueiras e contavam histórias para explicar fatos ou acontecimentos.

Como as histórias eram compartilhadas por intermédio da oralidade, não houve o reconhecimento da autoria. Para Bruner (2014, p.21), “Outro motivo para estudarmos a narrativa consiste em entendê-la de modo a melhor cultivar as suas ilusões de realidade, a “subjuntivar” os óbvios declarativos da vida cotidiana”.

Segundo Eco (2020, p.9) “qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo”.

Com a criação e divulgação dos meios de comunicação, estabeleceu-se uma lacuna entre o leitor real e o leitor ideal, e a literatura passou a se tornar sinônimo de produção escrita. Para Eco (2012,p.33),

Há igualmente duas maneiras de percorrer um texto narrativo. Todo texto desse tipo se dirige sobretudo a um leitor-modelo do primeiro nível, que quer saber muito bem como a história termina..., mas todo texto se dirige a um leitor-modelo do segundo nível, que se pergunta que tipo de leitor a história deseja que ele se torne o que quer descobrir precisamente como autor-modelo faz para guiar o leitor.

Romeu e Julieta, A megera domada, A tempestade, Conto de inverno, Sonhos de uma noite de verão...MacBeth, Otelo, Hamlet... Muitas destas obras povoaram as leituras de crianças, jovens e adultos de todas as idades.

“Ser ou não ser... eis a questão!”. “Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia”. Citações imortalizadas por Hamlet, o Rei da Dinamarca.

O presente artigo tem por objetivo trazer à discussão as categorias da narrativa na obra *Rei Lear*, traduzida por Millôr Fernandes (1997). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com a fundamentação da revisão de literatura, a partir de referências na área da teoria da literatura: Candido (1971), Abdala Junior (1995), Barthes (2009), Coutinho (2012), Eco (2012), e Brunner (2014). A fim de elucidar o leitor, este estudo está organizado em duas partes. Primeiramente, sintetiza-se as categorias da narrativa, e posteriormente, discute-se a narrativa, estabelecendo-se relação com as categorias apresentadas, articulando-se teoria e prática de análise literária.

William Shakespeare foi um dramaturgo e poeta inglês, considerado uma das maiores figuras literárias da língua inglesa. A obra de Shakespeare compreende trinta e sete peças teatrais, dois longos poemas e cento e cinquenta e quatro sonetos. Suas peças constam de dezessete comédias, dez dramas e dez tragédias que retratam a sociedade inglesa durante três séculos de sua evolução. Nasceu em vinte e três de abril de 1564, na Inglaterra e faleceu em vinte e três de abril de 1616, em seu aniversário de 52 anos.

Rei Lear é uma das mais primorosas peças de Shakespeare, abordando como temática central, a ingratidão. E como consequência, a protagonista Cordélia, filha caçula de Lear, paga alto preço pela ingratidão de outrem, resultando em seu trágico final.

A perversidade das antagonistas — as filhas mais velhas de Lear, e de Edmund — desenlaça um turbilhão de rancor, desvario, ressentimento, morte e sofrimento. William Shakespeare apropriou-se de antigas lendas da fundação do Reino Unido para tecer a trama de sua obra.

Conforme Shakespeare (1997), Rei Lear é usado para compor o quadro de perdição oriundo do erro trágico do protagonista e, conseqüentemente, o efeito catártico e didático da tragédia shakespeariana: a fragilidade humana possibilita que a velhice não traga, obrigatoriamente, a sabedoria ou o aprendizado pela experiência. Ato violentos, traições, ofensas, injustiças, tempestades como prenúncio de infortúnio, e outros temas intrínsecos à escrita shakespeariana.

Este estudo está organizado em duas partes. Primeiramente, sintetiza-se as categorias da narrativa, e posteriormente, discute-se a narrativa, estabelecendo-se relação com as categorias apresentadas.

A propósito de se discutir elementos da obra, apresenta-se na próxima seção, as categorias da narrativa: ação, personagens, tempo, espaço e foco da narrativa.

AS CATEGORIAS DA NARRATIVA

De uma forma resumida, pode-se categorizar a narrativa da seguinte maneira:

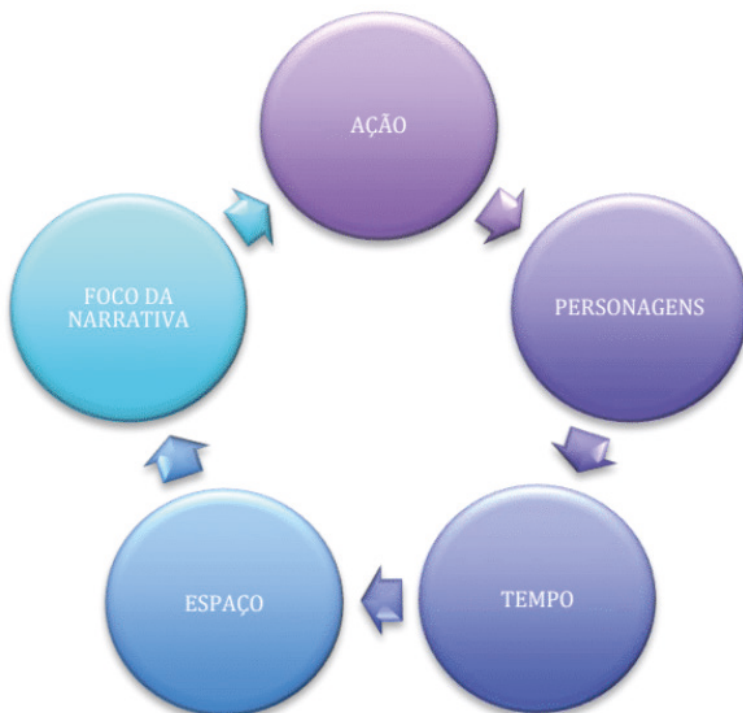


Figura 1 - As categorias da narrativa

Fonte: A autora (2025)

Na sequência veremos a descrição das categorias da narrativa:

Ação

Integra-se enquanto estrutura narrativa, no domínio do universo ficcional evocado pelo texto narrativo. Uma história pode se desenvolver através de uma ação central.

A ação pressupõe a existência de personagens, que se desenvolvem rumo a um desenlace, ou desfecho.

No decorrer da narrativa, o leitor pode ter suas expectativas aguçadas com o desenrolar do enredo.

Em uma estrutura mais tradicional, a tensão pode ser mínima nos segmentos narrativos iniciais, quando temos a apresentação da história. Quando ficar configurado o conflito ou trama, a tensão subirá. Cada complicação da história também poderá trazer tensão ao leitor.

A tensão cai no desfecho. Há história que começa *in media res*, ou seja, no nó do conflito.

Observe-se o gráfico de uma estrutura narrativa tradicional, na qual a estratégia discursiva direciona-se para proporcionar um impacto no leitor, a ocorrer no clímax da história:

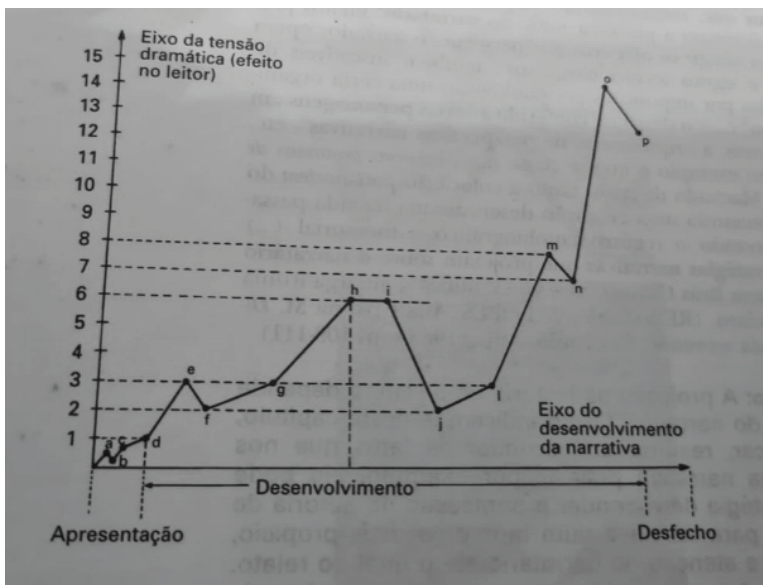


Figura 2 - Estrutura narrativa
Fonte: Abdala Junior (1995, p. 37)

A ação conta com três seqüências elementares:

Seqüência	Definição
INTRODUÇÃO	Situa o leitor, introduzindo a caracterização do espaço e do tempo, apresentando personagens e fatos que preparam o leitor para o desenvolvimento da história.
DESENVOLVIMENTO	É a parte mais extensa da história. Após a apresentação das personagens, do espaço e do tempo e o início da trama, com o desenvolvimento dos conflitos.
CONCLUSÃO	É parte da ação em que se evidencia o conflito, normalmente, revelando por completo, ao final, o bojo da obra.

Tabela 1 - Seqüências da narrativa

Fonte: A autora (2025)

Encerra-se a análise da ação conforme pontua Coutinho (2012, p.107),

Para atender a essa premissa, a narrativa se organiza através da criação de uma expectativa, seguida pelo surgimento ou explicitação de um conflito, tentativas de solução do problema e desfecho, positivo ou negativo. Os chamados percursos narrativos seriam organizados a partir das ações de um personagem com um objetivo a cumprir, meta a alcançar.

A personagem

O conceito de pessoa refere-se ao indivíduo pertencente ao espaço humano, enquanto personagem refere-se à persona, ou seja, a máscara da narrativa. A personagem é um ser fictício, que se refere a uma pessoa.

A personagem é um ser fictício que remete a uma pessoa. Para Barthes (2009) “é um ser de papel”. A personagem é um ser construído por palavras, que recebe todo um sistema de predicação: características físicas (alto, moreno, bonito), características sociais (operário, solidário, consciente) e características psicológicas (corajoso, solitário, amoroso).

As personagens interagem, no desenrolar da história, desenvolvendo entre si, alianças ou confrontos, motivadas pelas funções que as personagens exercem na narrativa.

PROTAGONISTA OU PERSONAGEM SUJEITO	ANTAGONISTA OU Oponente	ADJUVANTE
É a personagem principal da narrativa, sujeito da ação. Os conflitos se desenvolvem em torno dela que é o ponto de referência para as alianças e confrontos entre as personagens.	É uma personagem secundária que coloca obstáculos à ação da personagem protagonista, sujeito da ação. Quando a personagem antagonista só possui predicados éticos negativos, é chamada de vilão.	É uma personagem secundária que auxilia a personagem protagonista, na busca de seu objeto. As personagens adjuvantes opõem-se às oponentes.

Tabela 2 - Personagens

Fonte: A autora (2025)

O tempo

Os tempos da narrativa podem ser divididos em tempos externos e tempos internos.

Entendem-se por tempos externos à narrativa: tempo do escritor (tempo histórico da vida do escritor, valores de sua época), tempo do leitor (a história é decodificada a partir dos valores da época em que vive) e tempo histórico (momento em que poderá se situar a narrativa).

O estudo dos tempos internos à narrativa envolve a consideração de que a análise literária seja feita ao nível das relações entre a história e o discurso narrativo.

O tempo da história é cronológico, isto é, aparece em uma sucessão cronológica de eventos: a personagem está com 15 anos, depois 20, posteriormente 25.

Temos a dimensão humana do tempo: além da marcação cronológica, o tempo do relógio, ocorre com frequência o tempo psicológico, ou seja, o tempo distorcido em função das vivências das personagens.

O tempo do discurso é a representação narrativa do tempo da história. Em se tratando de um texto escrito, esse tempo aparece para o leitor de uma forma linear: à medida que vai lendo o texto, esse tempo vai passando.

O paralelismo entre o tempo da história e o tempo do discurso pode ser rompido por um retrocesso (*flashback*), quando por exemplo, a personagem rememora o passado. Em sentido contrário, pode ocorrer uma antecipação (*flash-forward*), quando o narrador antecipa um fato que ainda não ocorreu.

A sequência cronológica do tempo da história permite que a ação se desenvolva de forma encadeada, isto é, o encadeamento, que pode ser cortado por outras sequências, que são os encaixes narrativos.

Há a possibilidade de surgir uma combinação que é a alternância, quando duas sequências são narradas de forma alternada.

O narrador poderá concentrar cinco anos da vida de uma personagem em apenas cinco linhas ou pode transformar cinco segundos dessa vida em cinco páginas.

O espaço

No espaço, as categorias da narrativa apresentam-se integradas com o lugar físico, por onde circulam as personagens e onde se desenvolve a ação.

Em um sentido mais abstrato, vale considerar o espaço social, a ambiência social pela qual circulam as personagens.

O foco narrativo

O foco narrativo é o ponto ou o ângulo através do qual o narrador nos conta a história. Esta pode vir diretamente de seu relato. Pode ser chamado de foco da narrativa, ponto de vista, visão da narrativa e aspecto da narrativa.

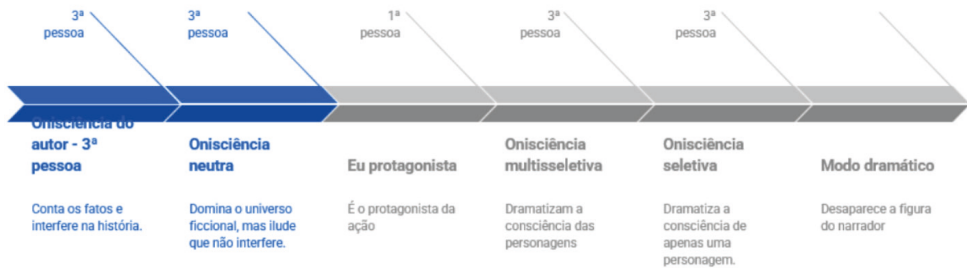


Figura 3 - Tipos de foco narrativo

Fonte: A autora (2025)

Sintetizou-se as categorias da narrativa, a saber: ação, personagem, tempo, espaço e foco narrativo.

Discute-se na próxima seção, a narrativa, estabelecendo-se relação com as categorias apresentadas, articulando-se teoria e prática de análise literária.

A NARRATIVA

Em *Rei Lear* serão cruciais ao final dessa tragédia que, mais uma vez, encarrega-se de descrever as mazelas do mundo como o resultado das ações do homem perante a ele e aos outros.

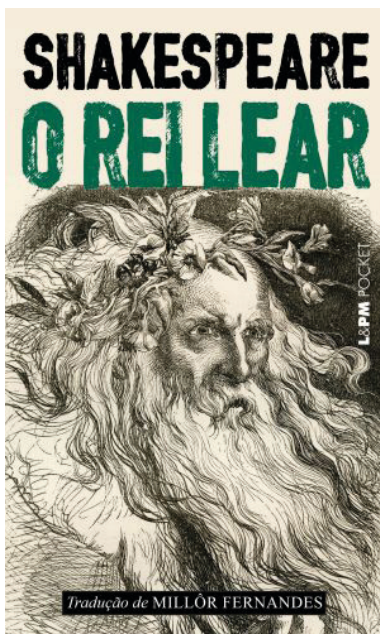


Figura 4 - Rei Lear (1997)

Fonte: Banco de imagens da Google (2025)

A análise literária da narrativa envolve o conhecimento de seus elementos estruturais, quer dizer, o domínio de determinados conceitos da narrativa.

Analisar uma narrativa é, correlacionar em torno de um núcleo central de ideias, a organização de seus elementos estruturais, de acordo com as necessidades de argumentação. Analisar pressupõe argumentar, defender o ponto de vista crítico que é a sua razão de ser.

Segundo Candido (1971, p.20),

Análise e interpretação representam os dois momentos fundamentais do estudo do texto, isto é, os que se poderiam chamar respectivamente o “momento da arte” e o “momento do todo”, completando o *círculo* hermenêutico, ou interpretativo, que consiste em entender o todo pela parte e a parte pelo todo, a síntese pela análise e a análise pela síntese.

Rei Lear convida as três filhas, Goneril, Regan e Cordélia, juntamente com os esposos das mais velhas, Duque de Cornwall e Duque de Albany, para uma conversa.



Figura 5 - Mapa da Bretanha

Fonte: Banco de imagens da Google (2025)

O Rei justifica-se, que pelo avanço da idade, pretende fracionar o reino, entre as três herdeiras, mensurando o seu amor pela figura paterna.

As dissimuladas Goneril e Regan, idolatram o pai em uma farsa, proferindo-lhe palavras exageradas de amor e carinho.

A peça tem como foco da narrativa um narrador onisciente, em 3ª pessoa do singular.

Cordélia, a caçula, honra a sua palavra, negando-se a dizer inverdades por mero interesse.

O Bobo é um personagem consciente e verdadeiro e seu discurso é uma forma de resgatar a lucidez de Lear, no entanto, ao passo que a tragédia avança, o Rei louco está cada vez mais próximo à insanidade, pois a velhice sem a sabedoria foi o estopim a sua ruína.

Ao passo que Cordélia, a filha ultimogênita é destituída da herança, enquanto, as filhas mais velhas dividem o Reino. Revela-se o desejo do filho bastardo do Conde Gloucester, Edmund: apropriar-se dos bens de seu irmão Edgar.

A primogênita do Rei, Goneril, após conquistar o que almejava, manifesta a sua ingratidão de maneira cruel e impiedosa, postergando o velho pai, que ao perceber a postura de sua filha e genro, vê-se decepcionado e foge.

Desatinado, Lear adentra um bosque, em meio a uma tormenta, a qual traduz o seu turbilhão de sentimentos. No entanto, não está abandonado, pois é assistido pelo Bobo, Edgar, renegado por seu pai Gloucester, e o leal Conde de Kent, embora disfarçado.

Edmund, inflamado por sua ganância, após envenenar seu pai o Conde Gloucester, contra o irmão Edgar, alia-se à filha segundogênita do Rei, Regan e seu cônjuge, o Duque de Cornwall, um homem atroz e sanguinário.

O Duque de Cornwall, em um ato de extrema violência arrebatada os olhos do Conde Gloucester e na sequência finda assassinado por um laçao, que vinga seu senhor. Ao perder a visão, é que o Conde Gloucester finalmente consegue enxergar a mentira que o sucumbiu. Quando se encontra com Edgar, não o reconhece, pois está maltrapilho.

Cordélia, ao ser informada por Kent, do sofrimento de seu pai, parte da França para a Inglaterra, para demonstrar ao pai, a grandeza de seu amor filial. O Rei está demente, entretanto, recebendo o carinho de Cordélia, consegue recobrar a consciência.

Os exércitos de Goneril e Regan, juntamente com Edmund, o novo Conde de Gloucester, avançam contra os guerreiros de Cordélia, tornando-a prisioneira com Rei Lear. Edmund os sentencia à morte.

O esposo de Goneril, Duque de Albany, tomando ciência da aliança entre o novo Conde de Gloucester e sua esposa, encoraja os militares para que haja um oponente a desafiar Edmund. Edgar, movido pela vingança, afronta o irmão. Após o combate entre os irmãos, Edmund perde a vida. Goneril e Regan não suportam a ausência do amado e dão fim à própria vida.

Mesmo após a morte de Edmund, Cordélia e Lear não conseguem a redenção. Para completar a tragédia, Lear carrega Cordélia sem vida em seus braços. O Rei é dilacerado pela agonia e não resiste à perda. Kent, o Duque de Albany e Edgar, são os únicos sobreviventes da trágica trama.

Cordélia e Lear desempenham a função de protagonistas, enquanto Goneril e Regan são as antagonistas. Os demais personagens são adjuvantes.

Nesta seção, apresentou-se a ação, acerca da narrativa da obra Rei Lear, da autoria de William Shakespeare.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Rei Lear*, além da loucura do Rei, a existência do Bobo, personagem irônico que, a todo o momento, utiliza-se de frases ambíguas e de caráter reflexivo, revela a natureza do ser humano e a podridão dos serventes do Reino e da família de Lear em decomposição: Rei Lear adorou o discurso bajulador de suas filhas Goneril e Regan.

O artigo proposto teve por objetivo trazer à discussão as categorias da narrativa na obra *Rei Lear*. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com a fundamentação da revisão de literatura, a partir de referências na área da teoria da literatura: Candido (1971), Abdala Junior (1995), Barthes (2009), Coutinho (2012), Eco (2012), e Brunner (2014).

O estudo foi organizado em duas partes. Primeiramente, sintetizou-se as categorias da narrativa, e posteriormente, discutiu-se a narrativa, estabelecendo-se relação com as categorias apresentadas, articulando-se teoria e prática de análise literária.

Shakespeare, invadiu o túnel do tempo para se tornar atemporal.

E citando o Bobo...Quando só se vê por ganância, e apenas finge lealdade. Se vê chuva faz a trouxa te deixa na tempestade. Mas eu não partirei. O Bobo fica; o homem sensato é que abdica. O patife que foge vira bobo.

Shakespeare é leitura obrigatória para a formação literária...

Shakespeare foi o maior conhecedor da alma humana de todos os tempos. Ave Shakespeare! Os que vão te ler, te saúdam!

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Introdução à análise da narrativa. São Paulo: Scipione, 1995.

BARTHES, Roland. Ensaios críticos. Coimbra: Edições 70, 2009.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: Direito, literatura, vida**. Tradução de Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: FFLCH/Universidade de São Paulo, 1971.

COUTINHO, Eduardo Granja; LEAL, Carlos Alberto Salim. **Reitificação e hegemonia: uma aproximação**. Revista Novos Rumos, v. 49, p. 107-116, 2012.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SHAKESPEARE, William. **Rei Lear**. Tradução: Millôr Fernandes. São Paulo: L&PM Editores, 1997.